



# RELATO DO PROCESSO DE CRIAÇÃO DA BIBLIOÓCA, A PRIMEIRA BIBLIOTECA INDÍGENA DO MATO GROSSO

REPORT OF THE PROCESS OF CREATING BIBLIOÓCA, THE FIRST INDIGENOUS LIBRARY IN MATO GROSSO

Alessandra Assis de Oliveira Soares - aleassissoares@gmail.com  
Lilian Aguilar Teixeira, Universidade Federal do ABC -  
lilian.teixeira@ufabc.edu.br

## Eixo Temático 1: Não deixar ninguém para trás

### INTRODUÇÃO

O Brasil possui uma população com diversidade cultural, uma delas são os povos indígenas. Somente entre esses há mais de duas centenas de povos distintos, com tradições, línguas e costumes próprios. A população indígena vive, em sua maior parte, em terras indígenas, mas também existe um grande contingente que vive em áreas urbanas. Existem ainda povos indígenas que têm muito pouco ou nenhum contato com a nossa sociedade, sendo conhecidos como índios isolados (FUNAI, [202-]).

O número da população indígena foi-se alterando com o passar dos tempos, principalmente com as perdas ocorridas por guerras, escravidão e disseminação de doenças e epidemias, como a varíola, pneumonia, coqueluche, sarampo e a tuberculose, que dizimaram inúmeros povos indígenas (OLIVEIRA; FREIRE, 2006).

De acordo com o último Censo realizado pelo IBGE (2010), o Brasil apresenta um significativo contingente de indígenas, embora corresponda a somente 0,4% da população total, havia 897 mil indígenas no Brasil, distribuídos entre 305 etnias sendo falantes de 274 línguas.

O Centro-Oeste do país é a segunda região que possui uma proporção de municípios com pelo menos uma pessoa autodeclarada indígena e o Estado do Mato Grosso, possui o sexto maior índice de povos indígenas, com 42.538 pessoas, conforme dados do IBGE (2010) e com aproximadamente 40 etnias.



Os valores e respeito à diversidade cultural são assuntos inevitáveis na sociedade contemporânea. Os movimentos sociais e reivindicações das minorias para reconhecimento e preservação da sua cultura são cada vez mais frequentes, sendo necessárias sua inserção e debates na gestão de serviços informacionais, como forma de inclusão, atendendo as metas estabelecidas na Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU), com a construção de uma sociedade justa, igualitária, no combate da exclusão informacional em todas as suas vertentes, incluindo a informacional.

Com a democratização da informação em todos os âmbitos e com grande velocidade, a necessidade de acesso à informação, aparentemente, atinge a todos, inclusive até aos povos que vivem em regiões distantes e isoladas, como é o caso dos povos indígenas, questiona-se: Quais ações estão sendo realizadas para atender o acesso informacional dos povos indígenas do Mato Grosso?

Por meio da Ciência da Informação na percepção de uma ciência com enfoque no paradigma social, estabeleceu-se a criação de uma biblioteca multicultural, a BiblioÓca, que foi implantada no distrito de Fontanillas, no município de Juína, contemplando a Terra Indígena Erikpatsa do Mato Grosso na região noroeste do Estado.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Alguns termos já foram ou ainda são utilizados para designar os povos indígenas, como por exemplo: “aborígenes”, “silvícolas”, “selvagens” ou “nativos”, porém são termos insuficientes para demonstrar as enormes diferenças que existem entre os povos com identidades próprias e distintas crenças e tecnologias, além de formas únicas de viver e representar a vida. Por isso, pode-se verificar nos estudos atuais que são utilizados o emprego dos termos “sociedade” ou “povo” para designar uma coletividade indígena. (SILVA; COSTA, 2018)

O povo Rikbaktsa, que significa “os seres humanos”, também são conhecidos como “canoeiros”, em referência a sua habilidade na canoagem, ou como “orelhas de pau”, em razão das rodela de caixeta introduzidas nos lóbulos alargados das orelhas (Blanco, 2006). É uma população indígena filiada ao tronco linguístico Macro-Jê localizada no sudoeste amazônico no Estado de Mato Grosso e vive na bacia do rio



Juruena, no noroeste do Mato Grosso. Grande parte das aldeias está concentrada à margem direita do rio Juruena, com a dispersão das demais pelos rios do Sangue, Arinos, ocupando desta forma, três Terras Indígenas. Duas Terras Indígenas contíguas - a Terra Indígena Erikpatsa e Terra Indígena Japuira, além da Terra Indígena escondido localizada mais ao norte, na margem esquerda do rio Juruena.

Essa população foi marcada por ataques realizados pelos seringueiros durante anos de dizimação, estes com intenção de um relacionamento mais pacífico pedem auxílio aos padres jesuítas da Missão Indígena Anchieta (MIA) e a partir de 1956 o Pe. João Evangelista Dornstauder inicia um trabalho de pacificação apoiado pela MIA e financiado por seringueiros até 1962.

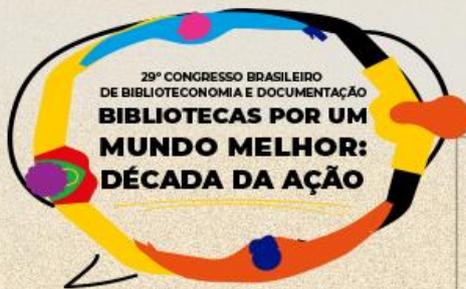
Uma das etapas do trabalho de pacificação foi enviar todas as crianças das aldeias e do Posto de Assistência indígena (PAIs) para o Internato Jesuítico de Utiariti que foi criado em 1948 localizado às margens do rio Papagaio no município de Campo Novo do Parecis, a 650km de Cuiabá e a quase 200km do Território Rikbaktsa, chegando a abrigar mais de 1.000 crianças “órfãs” advindas de diferentes povos do Estado de Mato Grosso. (REIS, 2012)

Infelizmente a educação oferecida a crianças e jovens indígenas no Utiariti os modificou, suas vidas a partir de então foram estabelecidas em padrões distintos aos tribais, uma vez que lá elas eram catequizadas, batizadas, recebiam nome português, alfabetizadas e proibidas de falarem na língua nativa.

Em 1968, ocorreu a demarcação da Terra Indígena Rikbaktsa (cerca de 10% do território original) e a partir de um novo direcionamento político assumido pela Igreja Católica, ocorre o fechamento dos internatos indígenas e a repatriação das crianças e jovens às suas aldeias de origem. Obviamente, os repatriados enfrentaram diversas dificuldades de adaptação, visto que os anos de afastamento fizeram com que muitos já não se lembrassem do seu idioma e não se sentissem mais parte da etnia.

Uma dessas pessoas era o Senhor Albano, que realizou o seguinte relato:

Cheguei a pensar em ir embora, voltar pra cidade. O meu maior medo era de não conseguir me manter aqui. Lá em Diamantino, que era o lugar onde eu vivi nos últimos anos, eu já trabalhava numa marcenaria e já ganhava o meu sustento [...] um dia, meu pai conversou comigo e me falou das preocupações dele com o futuro do nosso povo e ele conseguiu me tocar e a preocupação com o nosso povo falou mais alto e eu resolvi ficar para lutarmos junto por uma vida (ALBANO, 2011, *sic* apud REIS, 2012. p.245).



Diante desses fatos, o povo Rikbaktsa possui a preocupação da perda das tradições e memórias a respeito do seu povo em virtude do falecimento dos anciãos e a convivência cada vez maior dos jovens, adolescentes e crianças com a cultura não indígena, ocasionando a perda da sua conexão com a sua ancestralidade (BLANCO, 2006).

## **MÉTODO DA PESQUISA**

Os aspectos da experiência foram para atender os anseios apontados nos discursos do povo Rikbaktsa, por intermédio do senhor Albano Mutzie, uma liderança indígena que se preocupava em buscar meios para garantir a transferência de seu legado, possuía o sonho da criação de um museu Rikbaktsa e em determinada ocasião este o compartilhou com o então secretário adjunto de cultura do município de Juína, Adriano Souza e a partir de então teve-se a ideia da construção da BiblioÓca.

## **RESULTADOS**

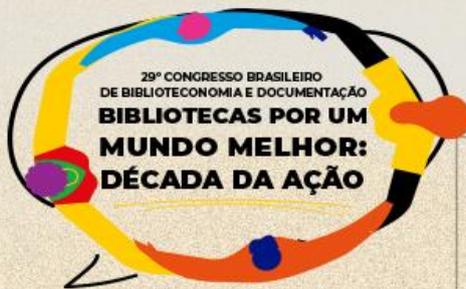
Ciente deste sonho, o Departamento de Cultura de Juína, buscou inscrever os Rikbaktsa, por meio da Associação das Mulheres Rikbaktsa - Aimurik em um edital de iniciativas culturais da Rede Pontos de Cultura do Estado de Mato Grosso (Edital de seleção Nº 01/2019, de 27 de maio de 2019) para a captação de recursos para a construção da BiblioÓca. Com a aprovação do projeto, o recurso na quantia de R \$30.000,00 (Trinta mil reais) foi liberado para a construção do espaço. Toda a construção do espaço foi realizada de maneira voluntária pelos homens Rikbaktsa, respeitando inclusive a arquitetura utilizada por eles em suas aldeias. Quando a construção estava em fase de acabamento e instalação elétrica, veio a pandemia do Covid-19 e os indígenas foram isolados em suas aldeias. Para finalizar as obras, visto que sua construção foi subsidiada por um edital público que impõe inclusive prazos para prestação de contas, a Prefeitura de Juína, por meio do Departamento de Cultura, finalizou a construção. Lamentavelmente, Albano Mutzie não viu a inauguração da BiblioÓca, visto que veio a falecer por problemas de saúde meses antes da sua inauguração.



Em 2020 o Governo Federal liberou recursos para estados e municípios, para ações emergenciais no setor cultural, visto que com as ações de isolamento provocadas pela pandemia do Covid-19 fizeram com que a cultura fosse o primeiro setor a parar e o último a retornar. Através da lei 14.017, batizada de Lei Aldir Blanc, o Estado de Mato Grosso recebeu 50 milhões de reais. Destes, 25 milhões ficaram para o Estado, por meio da Secretaria Estadual de Cultura, Esportes e Lazer - SECEL distribuir aos artistas, produtores e instituições culturais por meio de editais e os outros 25 milhões foram redistribuídos aos municípios de maneira que estes contemplassem seus artistas e produtores locais.

De posse desse recurso a SECEL publicou cinco editais que contemplaram as mais diversas expressões culturais do estado, dentre eles o Edital MT Nascentes - Edital n. 05/2020/Secel/MT, que entre os segmentos contemplava cinco projetos de implantação de Bibliotecas Comunitárias com o valor de R\$ 50.000,00. Com a BiblioÓca em fase de acabamento, a bibliotecária do município, inscreveu a Aimurik com um projeto para aquisição de acervo indígena para a biblioteca, mobiliário e impressão de todas as dissertações e teses que houvesse nas bases de dados a respeito dos Rikbaktsa. A associação Aimurik foi contemplada no Edital Nascente da Lei Aldir Blanc Estadual e com o recurso de R\$ 50.000,00 foram adquiridos ventiladores para o espaço, bebedouro e pouco mais de cem títulos para o acervo, sendo que de cada título foram adquiridos quatro exemplares para compor o acervo, além de impressas e encadernadas mais de cinquenta teses e dissertações sobre a etnia.

Concomitante a isso, o Departamento de Cultura, utilizou o período em que houve a necessidade de paralisação das atividades das escolas municipais e eventos culturais do município em virtude da pandemia para revitalizar os espaços físicos das bibliotecas escolares e a implantação do Sistema Municipal de Bibliotecas do Município. Para a integração das oito bibliotecas escolares do município, as duas bibliotecas municipais (pública e a infantil) e a BiblioÓca, sendo necessário um software de gestão e computadores para todas as bibliotecas adesas ao sistema. Diante desse desafio, o Departamento de Cultura de Juína apresentou um projeto junto a Justiça do Trabalho para a captação dos recursos necessários para a aquisição de um software de gestão das bibliotecas, além de notebooks para cada uma das



bibliotecas. Contemplados pela Justiça do Trabalho, foram adquiridos o software de gestão de bibliotecas SOPHIA e computadores, distribuídos às bibliotecas, inclusive a BiblioÓca. Além disso, por meio de parceria com a ONG RECODE do Rio de Janeiro foram doados cinco computadores de mesa para equipar a BiblioÓca para que possam servir de base de consultas e pesquisas para toda a comunidade que faz uso das dependências da BiblioÓca.

A BiblioÓca é uma biblioteca comunitária, sob responsabilidade da associação indígena Acebrick localizada no distrito de Fontanillas, município de Juína que foi inaugurada em 2020. Sua principal missão é a democratização do acesso à leitura, à informação e disseminação do conhecimento da cultura tradicional indígena e ribeirinha, sempre com ênfase na manutenção da Cultura e da língua de seu povo. E vem de encontro a missão das Bibliotecas Multiculturais do Manifesto publicado pela *International Federation of Libraries Associations and Institutions* (IFLA) que entre elas está a promoção e valoração positiva do diálogo com diversidade cultural e a salvaguarda do patrimônio cultural e linguístico de todos povos e etnias.

### Imagem 1: Frente da BiblioÓca



Fonte: LOPES, 2020

Pode-se afirmar que a BiblioÓca se configura muito mais que apenas uma biblioteca, ela é o centro da memória e da cultura popular Rikbaktsa, contribuindo para



a sobrevivência do povo Rikbaktsa e sua memória, além de contribuir para o respeito pela cultura indígena, como bem definiu a liderança indígena Domingas Apatso Rikbaktsa em 2019 na ocasião de aprovação do projeto de construção da BiblioÓca:

A tradição é uma herança que define e mantém a cultura e as leis internas da comunidade indígena. Preservar a nossa história da ação transformadora do tempo é uma garantia de sobrevivência. (APATSO, 2019. *sic*)

No ano de 2022 a SECEL lançou o edital n. 05/2022 com o objetivo de fomentar projetos de atividades continuadas em instituições reconhecidas como Ponto de Cultura, onde entre as categorias do Edital estão povos indígenas e Bibliotecas. Mais uma vez, a Aimurik inscreveu um projeto, visto que ainda em 2019 no primeiro edital para a construção da BiblioÓca houve o reconhecimento enquanto ponto de cultura. O projeto inscrito, que durante a escrita deste artigo, encontra-se em fase de análise pela SECEL pretende com o recurso arrecadado, adquirir acervos, material pedagógico para o dia a dia, além desenvolver ações educativas como contações de histórias com os anciãos da aldeia para crianças e adolescentes indígenas, além de estudantes não indígenas da rede pública que visitarem a BiblioÓca; oficinas de grafismo corporal de maneira que os anciãos possam ensinar os mais jovens, cada símbolo e cada gráfico que representam os clãs que compõem a etnia. Também pretende-se com esse recurso capacitar as mulheres Rikbaktsa por meio de um Curso para a Pintura em Tecido de maneira que elas possam comercializar tecidos pintados com os grafismos da etnia de forma a complementar a renda dessas mulheres. Vale salientar que o curso de pintura em tecido na BiblioÓca foi um pedido das próprias indígenas.

Uma vez que, além do acervo intelectual e literário indígena a mesma também abriga em seu espaço todo o artesanato produzido pela comunidade Rikbaktsa que comercializa junto aos turistas que frequentam o distrito de Fontanillas, que é não apenas conhecido pelo seu potencial turístico, como intensamente frequentado aos finais de semana por turistas de toda a região do Vale do Juruena. Essa comercialização do artesanato garante, pelo menos em parte, a sustentabilidade financeira da BiblioÓca, além de promover e disseminar a cultura Rikbaktsa.

O próximo passo que os indígenas desejam dar com a BiblioÓca é a construção do viveiro de mudas e de uma cozinha comunitária no espaço em que a mesma está



construída de maneira que lá seja o ponto de encontro de todas as aldeias da etnia e que todas as festas, celebrações e ritos sejam celebrados em seu espaço.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

São enormes os desafios que permanecem até os dias de hoje no enfrentamento a intensa pressão aculturativa e desarticuladora sobre o povo Rikbaktsa provocada pela experiência do Utiariti, muitos ex-internos, hoje anciãos, não reaprenderam a língua nativa e diversas memórias, mitos e ritos foram parcialmente comprometidos. E é exatamente isso que a Biblioteca Comunitária BiblioÓca propicia. Por meio das ações desenvolvidas em seu espaço, pretende-se ser a salvaguarda da cultura Rikbaktsa. Suas ações são pensadas de maneira a valorizar a cultura, os saberes, memórias e riquezas Rikbaktsa. Entre suas funções, sobressai a função de auxiliar na educação dos jovens, adolescentes e crianças, de maneira a ser um instrumento de preservação cultural, onde os idosos das aldeias partilham sua história, além de preservar sua língua materna.

A BiblioÓca assume o vital papel de ser o espaço que fornece todas as informações referente a memória, tradição, história, ritos e lendas, além de atender as necessidades informacionais dos indígenas e da população em geral, no que tange a pesquisa e ensino. Uma vez que, seu acervo é especializado em temas dos povos indígenas do Brasil, política indigenista e questão ambiental em terras indígenas, bem como exemplares da literatura brasileira e mato-grossense. Apesar de tímido, ela ainda conta com dicionário e folhetos na língua Rikbaktsa.

É necessário refletir na importância de criar bibliotecas multiculturais no Brasil, oferecendo o acesso informacional igualitário e preservando o patrimônio linguístico e cultural, permitindo aos povos indígenas um espaço para de participação.

## REFERÊNCIAS

APATSO, Domingas. **Entrevista na ocasião de aprovação do projeto de construção da BiblioÓca**, 2019.

BLANCO, Michel. A travessia dos Canoeiros. **Brasil Indígena**, Brasília: FUNAI, v. 3, n. 1, p. 8-13, mar./abr., 2006. Disponível em: <http://biblioteca.funai.gov.br/media/pdf/REVISTAS/brasilindigena/MFN-41389.PDF>



FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO (FUNAI). Disponível em:  
<https://www.gov.br/funai/pt-br/atuacao/povos-indigenas>

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARIES ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS- IFLA (2009). **Comunidades multiculturales: directrices para el servicio bibliotecario**. 3. ed. IFLA: 2009. Disponível em: <https://www.ifla.org/wp-content/uploads/2019/05/assets/library-services-to-multicultural-populations/publications/multicultural-communities-es.pdf>

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Os indígenas no Censo Demográfico 2010**: primeiras considerações com base no quesito cor ou raça. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em:  
[https://indigenas.ibge.gov.br/images/indigenas/estudos/indigena\\_censo2010.pdf](https://indigenas.ibge.gov.br/images/indigenas/estudos/indigena_censo2010.pdf)

LOPES, Kessilen. Primeira biblioteca indígena de Mato Grosso é inaugurada com livros históricos e artesanatos. **G1**, 2020. Disponível em:  
<https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2020/12/22/primeira-biblioteca-indigena-de-mt-e-inaugurada-com-livros-historicos-e-artesanatos.ghtml>

OLIVEIRA, João Pacheco de; FREIRE, Carlos Augusto da Rocha. **A presença indígena na formação do Brasil**. Brasília: Ministério da Educação; UNESCO, 2006. Disponível em. <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me004372.pdf>

REIS, Vanilda dos; FRANÇA, Cecília de Campos. Rikbaktsa: uma história sob duas perspectivas. **Revista Moinhos**, Tangará da Serra, v.1, n.1, p.232-252, 2012.

SILVA, Giovani José da; COSTA, Anna Maria Ribeiro R. M. da. **Histórias e culturas indígenas na educação básica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.